

Instituto Socioambiental

fonte: ST class.: 150

data: 19/12/94 pg.: 5

ACRE

TRABALHO ESCRAVO

Pesquisa revela servidão em seringais

A pesquisadora inglesa Alison Sutton, da Universidade de Cambridge, concluiu que os seringueiros das áreas do Tejo e Juruá, no município de Cruzeiro do Sul (AC) trabalham como escravos. "Nos seringais do Acre, as pessoas vivem em regime de servidão e escravidão", afirmou Alison. Segundo ela, os trabalhadores não recebem remuneração pois estariam sempre "em dívida" com os donos dos seringais. A pesquisadora disse, ainda, que existe trabalho escravo também nos setores madeireiro, carvoeiro e de mineração em outras regiões do País.

As conclusões de Alison estão no livro "Trabalho Escravo, um Elo na Cadeia de Modernização do Brasil de Hoje", que será lançado este mês pela Comissão Pastoral da Terra, da Igreja Católica. De acordo com Sutton, os donos dos seringais só compram borracha dos trabalhadores que adquirem mercadorias em seus depó-

sitos. No seringal Valparaíso, por exemplo, uma lata de leite em pó custa US\$ 5,23, enquanto o quilo da borracha tem o preço fixado arbitrariamente em US\$ 1,00.

Segundo a pesquisadora, os seringalistas proíbem os trabalhadores de negociar com os pequenos comerciantes que ficam nas margens dos rios, conhecidos como "regatões", que também aceitam a borracha como forma de pagamento. O controle deste comércio seria feito através de pistoleiros a serviço dos patrões.

Além disso, os seringueiros pagariam uma taxa para serem autorizados a extrair a borracha, intitulada "renda". "E essa renda é fixada aleatoriamente pelos patrões, de forma a deixar o seringueiro 'atado' a eles e ainda mais endividados", disse a pesquisadora. Segundo Alison, quando o seringueiro se recusa a cumprir as exigências tem os bens confiscados e é expulso da área.